

## CONSIDERAÇÕES SOBRE ALGUMAS DROGAS INDÍGENAS, EM ESPECIAL O RAPÉ, E A PARAFERNÁLIA PERTINENTE \*

S. Henry Wassén \*\*

WASSÉN, S.H. Considerações sobre algumas drogas indígenas, em especial o rapé, e a parafernália pertinente. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, S. Paulo, 3: 147-158, 1993.

RESUMO: Revisão dos progressos nas pesquisas sobre substâncias psicoativas usadas por populações sul-americanas, pré-históricas e atuais, com destaque para as associações da parafernália empregada com o mundo animal.

UNITERMOS: Drogas indígenas – Alucinógenos – Etnofarmacologia.

A 27 de outubro de 1966 realizou-se uma reunião da Sociedade de Medicina Histórica de Gotemburgo, presidida por Eric Salingre, em que falei sobre “Psicotomimética (sintomas psicóticos) de origem sul-americana” e Bo Holmstedt abordou aspectos químicos do material por mim estudado. Alguns dos dados mencionados então foram tratados num artigo intitulado “The use of some specific kinds of South American Indian snuff and related paraphernalia”, publicado na revista *Etnologiska Studier*. Outra parte da conferência deveria ser utilizada no simpósio Ethnopharmacologic search for psycho-active drugs no Medical Center de San Francisco em 1967 sob o título “Anthropological survey of the use of South American snuffs”. Permite-me agora apresentar aqui alguns trechos da palestra de 1967, acrescentando-lhes dados novos.

No ano de 1934 coletei informações entre os índios Chocó da Colômbia que mostram

claramente que eles conheciam o efeito de uma *Datura*, i.é uma solanácea, com sua substância alcalóide. Supus que fosse *Datura sanguinea*, mas o pesquisador colombiano Nestor Uscategui achou provável tratar-se de *Datura suaveolens*. Em 1955, Richard Evans Schultes informou que os índios Sibundoy do sul da Colômbia, além de muitos outros tipos de *Datura*, conheciam a solanácea *Methysticodendron amesianum* pelo nome de “borrachero” (da palavra espanhola “borracho” que significa embriagado). Ao identificar esta planta, o autor acentuou que são os pajés que a usam, costumando plantá-la junto a suas casas. Com as folhas faz-se uma infusão que é tomada para que a pessoa venha a adquirir dons de adivinhação, porém a planta também é considerada como tendo certa aplicação medicinal. Seu nome no idioma dos índios Kamsá, com o já mencionado acréscimo espanhol, é “mitskway borrachero”, isto é, “substância embriagadora do jaguar”. Este dado é importante, pois em vastas áreas da América do Sul a imagem do jaguar figura nas designações de antigos materiais utilizados dessa maneira. Voltarei ao assunto mais adiante.

Em 1937 conheci uma substância psicotomimética através do pesquisador mexicano Blas

(\*) Publicado em *Arstryck för 1963, 1964, 1965 och 1966*, Etnografiska Museet, Göteborg 1967 e traduzido, com acréscimos do A. por Margrete Svensson. Revisto por Vera Penteadó Coelho e Thekla Hartmann.

(\*\*) Museu de Etnologia de Gotemburgo, Suécia.

Pablo Reko que me enviou sementes de *Ipomaea sidaefolia*, hoje *Rivea corymbosa*. Esta segunda denominação foi utilizada pelo Dr. Manuel Urbina no seu catálogo de plantas mexicanas, publicado no México. *Rivea corymbosa* é a única representante da família Convolvulaceae originária do Novo Mundo. Para mim, ela era interessante, pois os índios mexicanos a conheciam desde a antiguidade como a miraculosa substância *piule*, ou, no idioma azteca, *ololiuqui* que, de acordo com Sahagún, propiciava eloquência e visões, sendo recomendada pelo médico de Felipe II, o Dr. Francisco Hernández que veio ao México em 1570, como estimulante sexual e como remédio contra flatulência. A planta floresceu em minha casa e enviei a maior parte das sementes de coloração marron-clara ao Prof. Santesson do Instituto Karolenska. Ele obteve alguns resultados preliminares, mas devido à quantidade relativamente pequena e à metodologia daquela época, não conseguiu fazer muito com a droga. Os resultados da pesquisa foram publicados em *Etnologiska Studier* 4, 1937.

C.G. Santesson faleceu em 1939 e portanto não pôde apreciar o brilhante trabalho de Schultes – “A contribution to our knowledge of *Rivea corymbosa*, the narcotic *ololiuqui* of the Aztecs” – publicado em Cambridge, Mass. em 1941. Foi somente bem mais tarde que o famoso sintetizador do LSD, o Dr. Albert Hofmann, veio a mapear também *Rivea corymbosa*. Ele começou seus estudos com os restos das sementes que sobraram das pesquisas de Santesson de 1937. Em abril de 1960 ele conseguiu mais material através de Reko. Mas o tempo de armazenamento havia sido demasiadamente longo. Foi a coleta de material novo realizada em Oaxaca por especialistas em cogumelos e por um dos redescobridores do uso do cogumelo *teonanacatl* no México, Gordon Wasson, que deu a Hofmann a oportunidade de sintetizar alcalóides com características alucinógenas. A “carne dos deuses”, *teonanacatl*, levou à descoberta de Hofmann da psilocybina e da psilocina como substâncias ativas.

Meu contato com Blas Pablo Reko no México fez com que Santesson dele recebesse sementes de um cipó, *Rynchosiae phaseoloides*, uma leguminosa da subfamília Papilionatae. Em Oaxaca essa planta e suas sementes também recebiam o nome de *piule*. As sementes eram consideradas venenosas e como provocadoras de

distúrbios mentais. As pequenas sementes pretas e vermelhas foram examinadas por Santesson e, de acordo com *Etnologiska Studier* 6, 1938, onde os resultados foram publicados, provocavam tanto reações alcalóides como glucocidas. A toxicidade era insignificante e Santesson, em experiências com sapos, conseguiu apenas uma forma de semi-narcolese.

Após a morte de C.G. Santesson, o Museu Etnográfico de Gotemburgo não teve mais nenhum contato com um farmacólogo disposto a prosseguir nossas pesquisas com drogas em material sul-americano. Esta era uma situação difícil e por esta razão Bo Holmstedt foi saudado com grande alegria quando, no início de 1960, entrou em contato com o Museu. Graças a ele obteve-se o estímulo necessário para continuar com estudos sobre material arqueológico e etnográfico referente à psicofarmacologia dos índios sul-americanos, a exemplo de substâncias do tipo rapé como o *paricá*, *epéna* e similares. Com isto, o Professor Holmstedt veio a dar continuidade às tradições do Instituto Karolenska e do Museu de Gotemburgo.

Se bem que os europeus daquela época realmente pouco entendessem daquilo que testemunhavam durante a conquista da América, temos através deles importantes descrições da fantástica descoberta nas Índias Ocidentais. No Haiti, Colombo observou o uso de uma substância, a *cohoba*, não mencionando todavia o pó pelo seu nome, e temos apenas suas descrições de forma indireta a partir de Las Casas e do filho Ferdinando Colombo. O almirante havia observado que os índios guardavam imagens de madeira, chamadas *cemi*, em cabanas especiais. Isto é relatado da seguinte maneira: “nestas casas, eles têm uma mesa lindamente trabalhada redonda como uma lâmina de madeira para pó, o qual por eles é colocado nas cabeças desses *cemi* quando da realização de uma determinada cerimônia. Em seguida aspiram este pó com um canudo que tem dois ramos, o qual é colocado nas narinas. Ninguém do nosso povo entende o que dizem. Através do pó eles perdem a consciência e se comportam como se estivessem embriagados”. Mais tarde, Colombo se refere a um monge, Ramon Pane, que aprendeu o idioma dos índios. Ele acompanhou a segunda viagem de Colombo e foi deixado pelo comandante na ilha Hispaniola ou Haiti. Ele fez uma descrição

curta que conhecemos através de uma versão italiana em *Historiae*; neste relato, o pó de inalar é denominado *cogioba* e *cohoba*. Outros autores dão-lhe nomes similares. Trata-se provavelmente de uma palavra que designa um pó preparado com *Piptadenia peregrina*; os dados a respeito da fala incoerente sob efeito da droga são interessantes. Tanto o cronista como Las Casas escrevem que “balbuciavam as palavras ou falavam como alemães confusos não sei a respeito de que ou com que palavra”. A palavra *cohoba* é pronunciada, de acordo com ele, com a vogal do meio longa. O efeito do pó é descrito como forte. Os inaladores perdiam a noção da situação e tinham a impressão de andar de cabeça para baixo. Quando o efeito passava, “ficavam com os pés e a cabeça moles”.

Muitos autores anteriores ao americano Stafford (1916) afirmavam que *cohoba* aludia ao pó da *Piptadenia peregrina*, uma leguminosa cujas sementes eram moidas e que provaram conter dimetiltriptamina e uma substância chamada bufotenina, semelhante à serotonina. A droga é conhecida entre várias tribos continentais da América do Sul sob o nome de *paricá*, *yopo*, *niopo* e outros. Sven Lovén contestou, provavelmente de modo incorreto, a identificação da *cohoba* com a *Piptadenia* e achou que se tratava de rapé ou tabaco. Referiu-se às palavras de Oviedo, de que o pó era obtido de uma erva cultivada, provavelmente tabaco; e interpretou a frase “de uma coloração de canela e de henna, finalmente um amarelo queimado” como referindo-se ao tabaco que, através de sal e cal, ficava mais claro. De acordo com Lovén, a *Piptadenia* daria um pó de cor cinza, mas parece que se enganou, podendo-se também discutir o significado do termo que ocorre nos escritos originais, ou seja, *yerbas*. Razão parece ter Siri von Reis Altschul, que rebatizou *Piptadenia peregrina* para *Anadenanthera peregrina*, var. *peregrina*, ao afirmar que a sua presença nas Índias Ocidentais significava que era cultivada pelos índios que, desta forma, solucionavam o problema de conseguir o pó sem ter de importá-lo do continente através da cadeia das ilhas de Trinidad. Estes índios conheciam as sementes no continente de onde eles mesmos eram originários. A palavra indígena para o pó, *cohoba*, foi registrada, na sua forma *cojoba*, na Venezuela na nossa época, sendo exatamente a palavra para designar *Piptadenia*

*peregrina* ou, de acordo com a nova nomenclatura, *Anadenanthera peregrina*, var. *peregrina*. Há também fortes motivos a indicar que a palavra *khoba*, utilizada por populações mestiças em Puna de Atacama e Puna de Jujuy (isto é, na região da antiga cultura atacameña no noroeste argentino) seja idêntica à palavra *cohoba*, usada no norte. Ela é usada como planta aromática, sendo queimada nas chamadas *señaladas*, onde se sacrificam lhamas, bebidas alcoólicas e similares a Pachamama, a velha deusa do ciclo anual da agricultura. Neste caso, a palavra teria vindo do sul, com populações Aruak, via região amazônica e sub-andina. Que o termo no sul se refira a uma composta, *Lepidophyllum quadrangulare*, é secundário. Um paralelo continental interessante é que as mesas de aspirar rapé das Índias Ocidentais (as placas com figuras especiais) podem ser encontradas em tribos do oeste do Brasil, por exemplo entre os Tupari. Estes índios usam, durante a inalação cerimonial do pó, um tampo de mesa colocado sobre pés no qual repousam os tubos para inalar, o pincel ou escova e pertences similares. Os inaladores sentam-se à mesa que, após a cerimônia, perde sua importância e é guardada sem cuidados maiores. Nos primeiros documentos escritos das Índias Ocidentais observa-se a menção direta ao equipamento para a inalação, tanto em forma de tabletas, como aos tubos com os quais o pó é aspirado. Nas descrições dos tubos ocorre aquele em forma de “Y” que conhecemos do continente sul-americano.

Neste contexto, eu gostaria de mencionar brevemente uma bebida psicotomimética chamada *ayahuasca* ou, de acordo com outras designações indígenas, *caapi*, *yaje*, etc. Ela é obtida de *Banisteriopsis caapi*, da família das Malphigiaceas, entre outros.

*Ayahuasca* é um cipó e o nome quechua significa “cipó da morte” ou “cipó dos mortos”. *Caapi* é uma palavra tupi-guarani e, de acordo com Spruce, significa “thin leaf”. *Yaje* é de significado desconhecido, mas provavelmente se origina no Tucano, sendo o termo usado em diversas regiões do noroeste da América do Sul para a bebida e para a planta. Richard Spruce descreveu por primeira vez a planta, observando seu uso em 1851, junto aos índios Tucano ao longo do rio Uaupés, onde é chamada *caapi*. O médico peruano Oscar Rios publicou em 1962 um artigo a respeito de *ayahuasca*, afirmando

existir uma descrição do uso da planta num relatório de viagem do botânico francês Aimé de Bompland, companheiro de Alexander von Humboldt em suas andanças ao longo do rio Negro em 1799-1800. Ainda não encontrei este dado na literatura e aparentemente Rios apenas reproduziu-o a partir da história da medicina de Tamón Pardal que, por sua vez, não indica nenhuma fonte. Se o dado vier a ser confirmado, as primeiras observações atentas do uso da droga *ayahuasca* recuam de meio século. Dos Siona, uma tribo do grupo dos Tucano ocidentais, há uma descrição muito detalhada de uma festa *yagé* feita por Plácido de Caella, “Apuntes sobre los indios Siona del Putumayo” (*Anthropos* 35-36:737-749, 1940/41): nela há uma parte que faz referência a ingerir ou beber o *yagé* de forma coletiva. O ponto culminante é atingido quando o xamã consegue contato com *Diosú*, termo em que a palavra espanhola “dios” é claramente reconhecível. Considera-se que o xamã sobe aos céus pedindo para entrar. Recebe roupa nova, mas não pode aproximar-se totalmente de *Diosú*. Escuta os desejos dele, devendo depois informar o seu povo a respeito. Diz-se também que o pajé visita o inferno onde “el diablo principal” o deixa ver tudo. E isto também é comunicado. Durante o êxtase, o pajé conta suas visões em idioma Siona, em tom cantado. Ute Bödiger, na sua tese sobre a religião tucano (Köln, 1965), diz que provavelmente temos uma descrição desta festa de *ayahuasca* ou *yagé* já no ano de 1637 por Laureano de la Cruz no seu “Nuevo descubrimiento del rio de Marañon llamado de las Amazonas, año de 1651 (1653)”, editado em francês por María Compte (in *Varones ilustres de la Orden Seráfica en el Ecuador*, vol. I, Quito, 1885). De acordo com Bödiger, nela se descreve como os índios se reuniam para a festa, em número de 300 a 400 pessoas, a fim de comemorar a chegada dos espanhóis. Isto acontecia em enormes casas providas de vários bancos “e então bebiam seu vinho e água a qual fervem com determinadas ervas dentro”. Bödiger refere-se também à descrição do missionário Maronis, de 1738, a respeito de uma grande festa de beber entre os Icaguates localizados entre os rios Napo e Putumayo. Mencionam-se cantos e danças de máscaras por videntes durante sessões noturnas. O material foi publicado por Marcos Jimenez de la Espada em Madrid, 1889-1892.

Eu já havia observado certos dados interessantes a respeito de *ayahuasca* antes. Na tribo Cubeo, no Amazonas, a bebida é chamada *mihi* e os índios têm os urubus *miwa* como entes protetores para a intoxicação que se segue à ingestão. Como se sabe, o urubu é uma ave provida de ótima visão e a identificação com ela parece ser um denominador comum associado aos psicotomiméticos que geram visões. Tubos de aspiração podem apresentar a forma de bicos de pássaros; usa-se penas de aves nas cerimônias e os índios dizem que voam alto e enxergam o mundo espiritual. Em relação a isso quero lembrar um dado fornecido por dois pesquisadores peruanos, Javier Mariátegui e Manuel Zambrano, no sentido de que o alcalóide de *Banisteriopsis caapi* provoca a sensação cinestésica de leveza e capacidade de levantar, o que os nativos explicam ao dizer que teriam vivenciado viagens ao céu onde teriam tido contato com o mundo espiritual. A sensação de estar voando foi cedo mencionada. O médico equatoriano Manuel Villavicencio que em 1858 publicou uma geografia do Equador, diz que os índios Záparo usavam *ayahuasca* “que dava a sensação de se elevar ao ar e realizar uma viagem aérea”. A sensação de voar foi recentemente confirmada experimentalmente pelo pesquisador chileno Claudio Naranjo.

Pode-se apontar a associação entre o uso de drogas e as aves em material arqueológico da América do Sul, principalmente nos objetos de madeira em forma de bandeja para aspirar o pó e os tubos de inalação procedentes da cultura de Atacama do norte do Chile e do noroeste argentino. Antes de referir-me a esses objetos, quero mencionar que em material de sambaquis de Santa Catarina encontraram-se peças líticas em forma de pássaros e de outros animais providas de cavidades rasas. Temos todo motivo para supor que esses objetos em algum momento serviram de suporte para algum tipo de ritual em que se usava pó psicoativo. Ladislau Netto, que já em 1885 fez uma coletânea desse tipo de material (*Archivos do Museu Nacional*, vol. VI), estava muito adiante do seu tempo ao referir-se ao possível uso dos objetos zoomorfos de pedra. Disse ser perfeitamente possível imaginar que “serviram como suporte na pulverização das folhas de alguma planta sagrada ou outra matéria usada em cerimônias religiosas”.

Na realidade, as bandejas lindamente

esculpidas em forma de animal que se encontram nos museus em meio às mais antigas coleções da América do Sul, serviram como recipientes para o pó, enquanto o seu preparo propriamente dito dava-se em pilões feitos de frutos de casca dura. Temos, portanto, um paralelo direto com os dados das Índias Ocidentais, onde a *cohoba* era colocada nas figuras *cemi*. Todavia, em algumas das bandejas da América do Sul pode-se observar que há uma cavidade menor junto a outra de maior tamanho. Há razões para supor nesses casos uma combinação de pilão e bandeja para o pó, de modo que as sementes eram esmagadas na bandeja e que o pó era juntado em quantidades pequenas, mas suficientes, na cavidade menor. Esta poderia também ter servido como bandeja para algum pó de efeito alcalóide, o que entretanto não passa de uma suposição nesses casos específicos.

A identificação e o papel das aves em contexto com a visão aguçada, como condores, águias, etc., no uso de drogas alucionógenas não explica naturalmente todos os motivos para a sua utilização entre os indígenas da América do Sul. Uscategui talvez simplifique o problema ao dizer que “primitive mentality is mystical”, considerando que muitos pesquisadores super-dimensionaram os motivos e as tentativas de interpretá-los. “The Indian considers all nature and the visible and imagined cosmos to be endowed with spirit-forces. He does not recognize any boundary between natural and supernatural phenomena” (*Botanical Museum Leaflets* 18(6):274, 1959). A meu ver, a identificação com aves para poder voar alto e penetrar no mundo dos espíritos, que é um dos motivos para o uso de drogas de efeito cines-tésico, cabe no “primitive mystical society” de Uscategui, mas estas idéias não explicam o uso da droga propriamente dita. Que diferentes drogas foram usadas desde cedo e em vários lugares com pontos de partida diversos, é o mais lógico. Pelo menos no que se refere à América, considera-se que drogas com características especiais eram em geral reservadas aos indivíduos mais categorizados com funções religiosas e mágicas dentro de uma sociedade. Mas o uso se espalhou para toda a comunidade e principalmente por ocasião do choque cultural que se seguiu à chegada do europeu. Quanto ao tabaco, está totalmente claro que este era reservado aos pagés. O uso profano do fumo por jovens e velhos nas sociedades indígenas foi se espalhando por vastas

áreas através dos brancos que, por sua vez, rapidamente assimilavam o que aprendiam na Índias Ocidentais a respeito do tabaco entre outras coisas. Com relação a vastas partes do Amazonas, pode-se concluir, com base nos conhecimentos que temos sobre os objetos esculpidos, que o hábito de usar determinadas drogas deve estar ligado a um cerimonial importante sobre o qual sabemos muito pouco além de suposições. Já mencionei que o jaguar é considerado uma entidade importante e em muitas regiões da América do Sul ele se identifica com o xamã, tendo ambos o mesmo nome. Acredita-se que os xamãs mais idosos conseguem transformar-se em jaguares. Certas tribos possuem tubos para guardar o pó de efeito psicoativo feito justamente de ossos de jaguar. Os Kaxuyena, uma tribo no Brasil que até há pouco usava bandejas para cerimônias, esculpam-nas com figuras mitológicas, tais como o jaguar aquático. Trata-se, portanto, de um recurso para conseguir contato com o mundo espiritual e aqui o uso da psicomimética deve ter tido um papel de extrema importância, sendo o seu simbolismo projetado em objetos. Outros animais podem ser observados nas bandejas: cobras e jacarés, por exemplo, entre os Mauhé do Brasil. Entretanto, é a figura do jaguar em especial que oferece uma série de paralelos diretos entre bandejas encontradas em contexto arqueológico no sul do sub-continente e objetos etnográficos da área amazônica. Uma região que, devido a certas ligações com a Amazônia no que tange a correntes culturais, oferece grande interesse é o norte do Chile e noroeste argentino, onde se encontra a cultura de Atacama. Ocorrem ali bandejas para pó e tubos de inalação ricamente esculpidos e, em certos casos, os objetos encontram-se associados ao pó. Em 1966, após o Congresso de Americanistas realizado na Argentina, consegui obter do pesquisador Lautaro Nuñez amostra de pó encontrado em escavação arqueológica. A quantidade, embora muito pequena, foi entregue ao Professor Holmstedt do Instituto Karolenska para fins de pesquisa. Em trabalho publicado em 1965 sobre o desenvolvimento pré-hispânico no norte do Chile, Lautaro Nuñez apontara o uso de tubos para inalar feitos de osso já durante o período que ele chama de Inicial (0-700 A.D.), caracterizado por diferentes graus de desenvolvimento da agricultura e com cerâmica,

porém sem influência da alta cultura de Tiahuanaco. No extremo norte da costa do Chile este período é representado pelo complexo Faldas del Morro. As bandejas ali encontradas são diferentes daquelas associadas ao Período Intermediário (de 700 a 1000 A.D., com grande influência de Tiahuanaco), bem como daquelas oriundas do terceiro e último período (1000 - 1450 A.D.), quando surgem várias culturas locais com influência de Tiahuanaco. Nestes dois últimos períodos, o complexo do pó para inalar é representado por bandejas, tubos, colherinhas de osso e pequenos recipientes retangulares ou redondos de madeira para guardar o pó.

O pe. Gustavo Le Paige do Chile possui uma grande coleção de bandejas e, numa publicação de 1965 sobre a zona de San Pedro de Atacama, mostra uma série de fotos de tabletas com motivos tiahuanacoides. Uma das fotos de seu livro mostra um sítio em Caspana, um vilarejo a uns 100 km ao norte de San Pedro de Atacama, onde foram enterrados vinte e cinco adultos e sacrificada uma criança. Conjuntamente, foram encontradas duas bandejas, sendo uma retangular e a outra redonda.

A Dra. Grete Mostny publicou em 1952 dados sobre o conteúdo de um túmulo de Chiuchiu que, no que se refere à parafernália de inalar, continha uma bandeja, um tubo esculpido e outro liso. A bandeja, em sua parte superior, estava envolvida por uma camada de couro que cobria uma figura de condor elegantemente esculpida e que servia de cabo. Aparentemente quis-se proteger bem este túmulo o que atesta a importância deste material para os índios de Chiuchiu daquela época. Em um ensaio de 1958, Mostny supõe que o uso de inalar pó estava reservado a determinados grupos de religiosos. Ela também sublinhou a importância do motivo do jaguar, visto que um tubo de aspiração representava um homem com máscara de jaguar. Pontos de vista semelhantes com respeito ao cerimonial foram apresentados por Lautaro Nuñez num artigo sistematizador de 1963. Todavia, ele é de opinião de que os achados da parafernália de inalar associada a outros objetos corriqueiros indicam que tal material também poderia ter sido de propriedade de qualquer pessoa. Alguns poucos achados desse tipo de material na região do Amazonas parecem indicar que lá existia um rico cerimonial em torno do uso da psicomimética, mas que, devido ao clima desfavorável à conservação dos objetos de

madeira, pouco se conservou, a não ser em casos excepcionais.

Com referência aos diversos pós da América do Sul, o *paricá* é um termo tupi para um pó proveniente das sementes amassadas da *Piptadenia peregrina*, bem como para outras substâncias em pó, como a obtida de *Virola calophylla* Warburg e *Virola calophylloidea* Markgraf, árvores da família moscateira. Foi o pesquisador de campo e autor botânico R. E. Schultes que, após estudos em 1951-52 nas proximidades do rio Apaporis no sudoeste da Colômbia, esclareceu que *Virola* era utilizada na confecção de uma substância psicomimética. Pode-se ter certeza de que um tipo de pó mencionado pelo etnógrafo alemão Koch-Grünberg na região de Ventuari na Venezuela (1911 - 1913) – *hakúdufsha* – era justamente um preparado de *Virola*. O pó de inalar epéna, analisado pelo Prof. Holmstedt, procedente dos índios Waica localizados entre o rio Negro e o rio Branco no norte do Brasil (cfr. apêndice de Georg J. Seitz em *Etnologiska Studier*, 28, 1965) tem como matéria prima o sumo vermelho que sai dos troncos das árvores do gênero *Virola*, após retirada a primeira camada da casca.

Com este artigo foram publicados alguns mapas, um certo número de ilustrações de bandejas, tubos e outros objetos. Por uma parte importante desse material ilustrativo agradeço ao Dr. Carl Schuster que durante suas visitas de estudo a museus da América do Sul gentilmente o fotografou para mim. Isso vale especialmente para uma série de bandejas antigas provenientes dos índios Maué do Brasil e que pertencem ao Museu Nacional do Rio de Janeiro. Essas bandejas foram mencionadas no meu trabalho em *Etnologiska Studier*, 28:67 (Gotemburgo, 1965) e as ilustrações correspondentes procedem do artigo de Antonio Serrano (Buenos Aires, 1941). Apenas durante minha visita ao Rio em fins de agosto de 1966 me foi possível ver parte deste material. Agradeço também a Georg J. Seitz que gentilmente permitiu que eu usasse suas fotos de inaladores Waika.

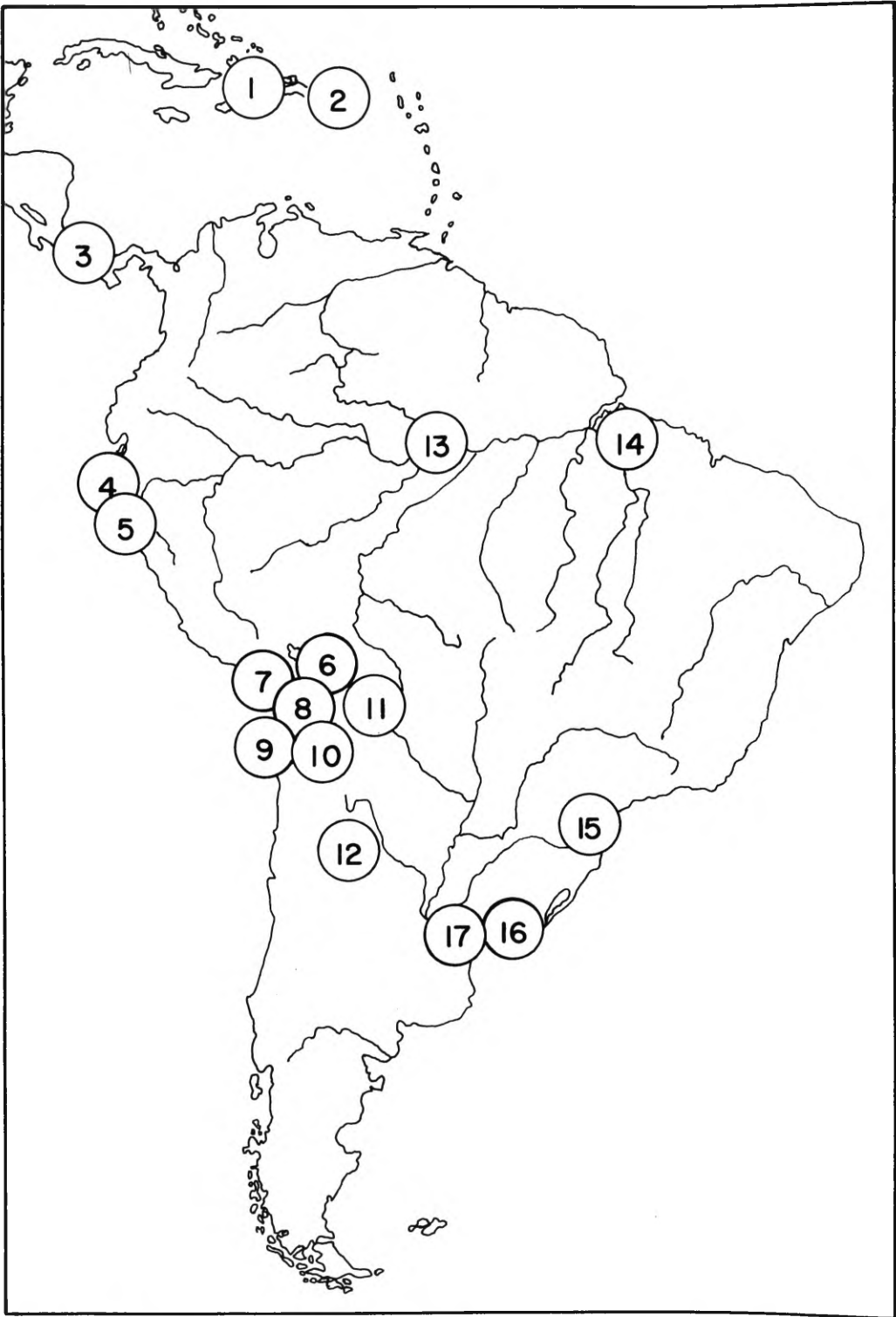
Para voltar à tribo Maué do Brasil, durante a leitura de correção deste artigo e através da gentileza do embaixador da Suécia no Brasil, o conde Gustaf Bonde, consegui uma cópia fotográfica de um documento há muito procurado, cujo original se encontra na Biblioteca Nacional

do Rio de Janeiro. Trata-se de uma memória que Alexandre R. Ferreira escreveu em Barcelos em 13 de fevereiro de 1786 quando enviava uma coleção de objetos para cheirar o paricá dos “gentios Magué”, do rio Negro para Portugal. Sua descrição deve ter sido a primeira com detalhes importantes e ele nos indica as palavras indígenas do “gentio Magué” para a parafernália por eles usada no “paricá-tobac”. Observe-se que em descrições mais antigas do Brasil a palavra “tobaco” significa pó ou rapé, não necessariamente proveniente do tabaco. No relato de Ferreira, fala-se de pilão como *indué*; mão-de-pilão, *indué-mena*; em escova como *tapixuna* e concha como *yapuruxitá*. Ele chama o porta-pó que é feito de *Helix terrestris* de *paricá-reru*. As escovas são feitas de pêlo do rabo de tamanduá e as bandejas são ditas terem forma animal. Uma representava um jacaré, de acordo com o seu proprietário indígena. Madre-pérola usada como preenchimento das bandejas era chamada de *itã* e o lugar na bandeja em que era colocado o pó chamava-se *paricá-rendana* que Ferreira explica significar “o lugar onde se coloca o Paricá”. Os tubos duplos feitos de ossos de aves também foram mencionados e as diversas aves são chamadas de tujujús, maguárys e ayayás. Os tubos para inalar eram providos de frutos para adaptarem-se às narinas. Que o pó era espalhado na bandeja fica claro pela descrição de Ferreira. Ele declara que a inalação ocorria em “grandes Bacchanaes” e que eram construídas casas de Paricá especiais para as cerimônias. Estas começavam com um chicoteamento entre os homens. Trata-se talvez de uma descrição de uma festa de um demônio da vegetação conhecido por algumas tribos na região amazônica sob o nome de Yurupari. Era uma festa que durava um

determinado período de tempo e que acontecia quando certos frutos de palmeira haviam amadurecido e estavam à mão para o preparo de bebidas inebriantes. Também havia comidas festivas. Ferreira menciona “a virtude narcótica do Paricá” e termina falando do desenrolar violento destas festas. Isto é descrito também em outros relatos. Um fim mortal para vários dos participantes aparentemente não era raro.

Finalmente uma reflexão geral: a iniciativa para o salvamento dos dados a respeito de substâncias alucinógenas ainda em uso entre índios sul-americanos é proveniente da medicina e é com grande satisfação que uma cooperação pôde ser estabelecida com um etnógrafo interessado neste assunto.

As condições no campo mudaram muito. Determinadas informações desapareceram para sempre. Podemos citar, por exemplo, o povo mestiço da região de Atacama onde se fizeram e se fazem achados de bandejas e de tubos, entre outras coisas, nos túmulos indígenas e que atualmente não tem a menor idéia a respeito do uso da inalação de pó da antiga região indígena, uso aliás que foi observado por viajantes espanhóis nos anos de 1600. Encontramos as mesmas condições no norte. Os Otomacos, uma tribo dos llanos venezuelanos, utilizavam o pó Yopo, entre outros, para finalidades divinatórias. Ainda no início do século XIX, quando Alexander von Humboldt os estudava, eles usavam frequentemente este pó, cuja origem, fabricação e utilização são descritos em detalhe pelo viajante. Os descendentes dos Otomaco vivem agora como “llaneros” e, de acordo com dados publicados em 1965, eles não conhecem mais o uso do pó e também perderam totalmente o seu idioma.

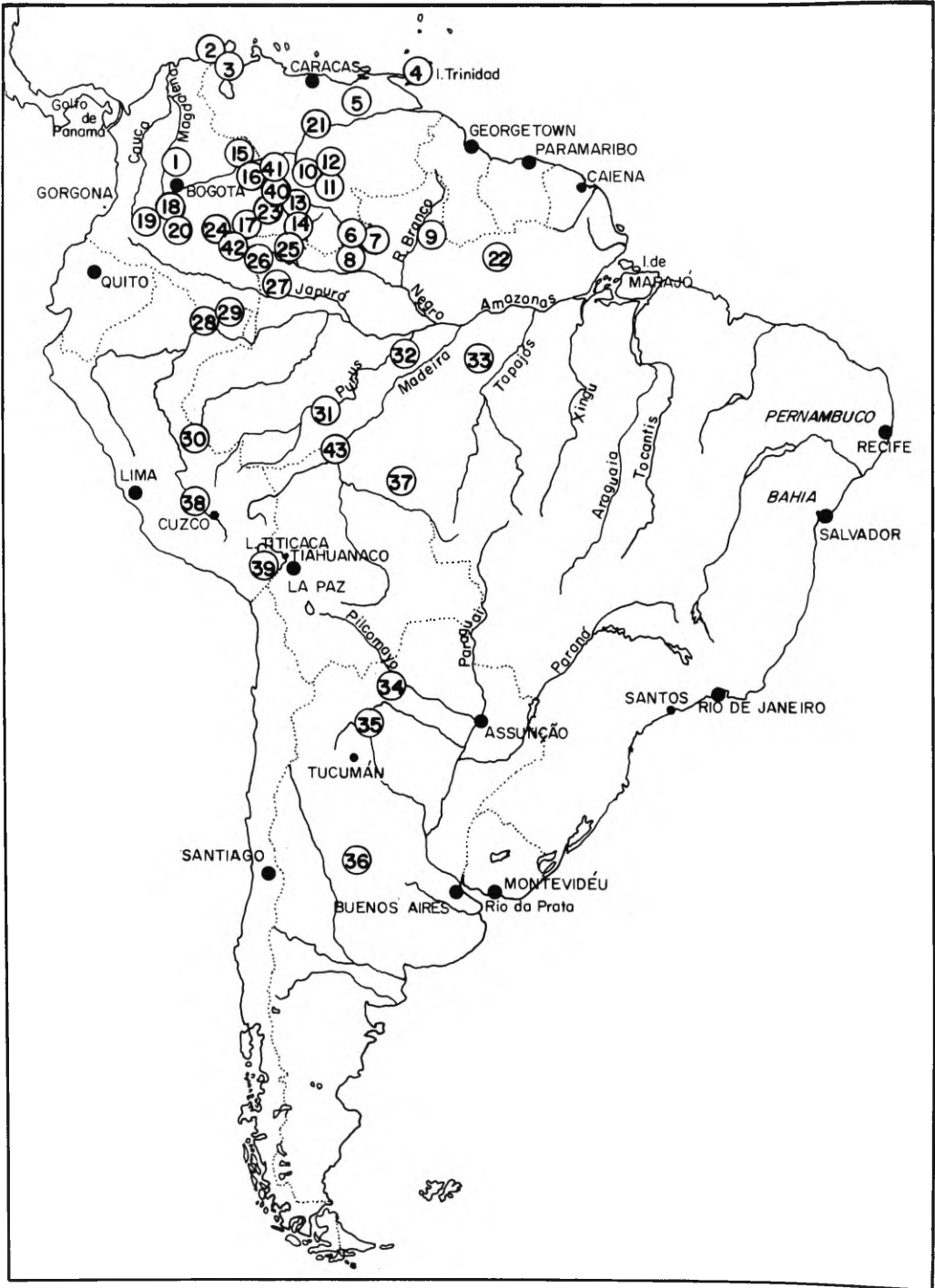


MAPA 1: Evidências arqueológicas relacionadas com o uso de pós psicotomiméticos.



MAPA 1: *Legenda*

- 1) *Haiti. Uso da cohoba.*
- 2) *Porto Rico. Figuras cemi com espaço para rapé.*
- 3) *Costa Rica. Achados de aparelhos para inalar rapé, compostos de tubos simples ou duplos, muitas vezes em forma de pássaros.*
- 4) *Cultura Mochica, norte do Peru. Informação cerâmica possivelmente relacionada com frutos narcóticos do planalto.*
- 5) *Huaca Prieta, vale de Chicama, Peru. É o achado mais antigo de uma bandeja de rapé e tubo inalador de osso.*
- 6) *Santa Maria, Miramar. Bandeja de inalação, de madeira, da era pré-incaica.*
- 7) *Chiuchiu, Chile. Grande quantidade de achados de bandejas e tubos de inalação.*
- 8) *Costa de Antofagasta, Chile. Achados de pratos de rapé e utensílios semelhantes dos índios Changos.*
- 9) *Dadas as circunstâncias climáticas favoráveis, os achados de San Pedro de Atacama assumem especial importância para diversos pesquisadores. O que se pode verificar no artigo "Snuff powder from pre-historic San Pedro de Atacama: chemical and contextual analysis" de Constantino Manuel Torres e os comentários de cinco outros autores em Current Anthropology, 32(5):640-649, 1991. Dizem esses autores que "while Wassén and Naville have viewed snuffing as having originated in the northern Amazon Basin proposing a north-south migration of pattern", eles "tentatively propose, then, that Anandathera-based snuff preparations could instead have diffused from south to north" (p.647). É preciso, entretanto, levar em conta o clima no Amazonas, em que inundações e chuvas abundantes impedem a conservação de material delicado, de madeira por exemplo, nas tumbas. Felizmente, bandejas de rapé com ricos ornamentos simbólicos, procedentes de tribos que existem há vários séculos, já foram descritas e atestam a grande importância desses materiais narcóticos que existem justamente no Amazonas. Sabemos, além disso, através dos trabalhos arqueológicos de Anna C. Roosevelt, em especial na parte baixa do Amazonas, que aqui existiam culturas altamente desenvolvidas milhares de anos antes de manifestações congêneres em outros territórios ocidentais.*
- 10) *Região atacameña. Numerosos achados de bandejas de rapé e outros utensílios.*
- 11) *Puna de Jujuy, Argentina. Vários achados de bandejas de rapé e materiais associados.*
- 12) *Provincia de Córdoba, Argentina. O uso de pó de rapé chamado cebil foi mencionado, na época colonial, entre os Comechigones, entre outros.*
- 13) *Sucurujú, rio Trombetas, Brasil. Encontrada uma figura de pedra que se encontra no Museu de Gotemburgo, Col. n.25.12.1.*
- 14) *Região do estuário do rio Amazonas. Objetos de cerâmica da fase Marajoara, possivelmente imagens de objetos feitos de casca de fruta que serviram de pilão na preparação do pó.*
- 15) *Santa Catarina e Rio Grande do Sul, Brasil. Figuras líticas em forma de animais, em geral pássaros, providos de cavidades rasas. Provavelmente foram usadas como bandejas para rapé em ocasiões cerimoniais.*
- 16) *Achados de líticos na parte oriental do Uruguai.*
- 17) *Mercedes, Uruguai. Achado de um lítico em forma de figura humana.*



MAPA 2: Tribos que usaram ou usam o rapé para efeito psicotomimético.

MAPA 2: *Legenda*

- 1) *Os Chibcha do planalto e seus vizinhos de leste, os Tunebo.*
- 2-3) *Caquetío e Jirajara.*
- 4) *Inyeri é uma tribo Aruak de Trinidad.*
- 5) *Palenque e Piritu, Venezuela.*
- 6) *Waica, Samatari, Surária, Sanemá e Pakidái, subgrupos Yanomami, no sul da Venezuela.*
- 7) *Karimé (ou Shudári), culturalmente próximos das tribos de 6.*
- 8) *Araraibo, da região limite entre Venezuela e Brasil, no rio Cauabori.*
- 9) *Paravilhana, Venezuela.*
- 10) *Yecuaná-Makiritare, sul da Venezuela.*
- 11) *Yabarana, grupo Carib próximo aos Makiritare.*
- 12) *Piaroa, região do Orinoco-Ventuari.*
- 13) *Puinave, região do baixo Inírida, sudeste da Colômbia e região próxima da Venezuela.*
- 14) *Kuripako, Aruak, junto ao rio Guainía.*
- 15) *Achagua, povo Aruak, em outros tempos largamente espalhado pelo leste da Colômbia e na Venezuela.*
- 16) *Guahibo, Chiricoa, Saliva, todos dos llanos colombianos e venezuelanos.*
- 17) *Piapoco.*
- 18) *Guaupé e Sáe, tribos Aruak.*
- 19) *Ouitoto, na parte superior do rio Japurá. Dado polêmico, provavelmente errado, a respeito de um tubo em cruz para pó.*
- 20) *Taiwano, junto ao rio Kananari, Uaupés, Colômbia.*
- 21) *Otomacos, tribo dos llanos venezuelanos.*
- 22) *Cashuena, grupo Carib junto ao rio Casuro, afluente do Trombetas, Brasil.*
- 23) *Tuyuca e Bará, tribos tukano do alto Tiquié.*
- 24) *Cubeo, tribo dos Tukano orientais, junto ao rio Uaupés.*
- 25) *Tukano, índios do Uaupés e Papuri.*
- 26) *Barasana, Makuna, Yahuna, Yabahana, Menimehe, grupos Tukano e Aruak.*
- 27) *Pasé, Juri e Uainumá, tribos Aruak muito conhecidas antigamente junto ao Japurá.*
- 28) *Omagua, índios Tupi.*
- 29) *Tucuna, atualmente apenas inaladores de tabaco, embora no passado também conhecessem o paricá.*
- 30) *Piro, tribo Aruak do Ucaiali e da região das nascentes do rio Madeira. Davam pó de rapé também aos cães de caça.*
- 31) *Catawishi, índios do alto Purus, entre os quais os cães também recebiam substâncias psicotomiméticas.*
- 32) *Mura do rio Madeira: não está claro se o pó que usavam era originário da Piptadenia.*
- 33) *Maué, índios Tupi da região central conhecidos pelo seu uso do paricá e como fabricantes de bandejas de rapé.*
- 34) *Mataco, índios do Gran Chaco. Seus pajés usavam sementes de cebil.*
- 35) *Lule, tribo extinta do lado oriental do Chaco. Para eles há um dado de 1733 a respeito do uso de pó de rapé para finalidades divinatórias e propiciatórias de chuva.*
- 36) *Comechigones, extintos. Data de 1500 uma informação sobre o seu uso do pó de rapé.*
- 37) *Tupari, Guarategaje, Amniape, na região do rio Guaporé, oeste do Brasil. Mesmo as tribos que se seguiram na região foram tidas como inaladoras, ou seja, os Aikaná (ou Huari) e Salamay.*
- 38) *Quechua do planalto andino.*
- 39) *Aymara da região de Tiahuanaco, Bolívia.*
- 40) *Desana e Tariano, tribos Aruak do Uaupés na Colômbia.*
- 41) *Kuiva, Amorua, Sikuni e*
- 42) *Guayabero, tribos conhecidas pelo uso de yopo (Aruak e Guahibos), entre os rios Meta e Inírida.*
- 43) *Caripuna. No início de 1800 possuíam objetos para o uso de rapé. Tomavam paricá em forma de clisteres através de tubos de osso.*

WASSÉN, S.H. Considerações sobre algumas drogas indígenas, em especial o rapé, e a parafernália pertinente. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, S. Paulo, 3: 147-158, 1993.

WASSÉN, S.H. Commentaries on some South American Indian drugs and related paraphernalia. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, S. Paulo, 3: 147-158, 1993.

**ABSTRACT:** Revision of developments in the research on psycho-active substances used by pre-historic and modern South American Indian populations with an emphasis on the associations of the employed artifacts with the animal world.

**UNITERMS:** Drugs - South American Indians – Ethnopharmacology – Psycho-active substances.

*Recebido para publicação em 17 de maio de 1993.*